

Potenciais educativos da horta comunitária “Quintal Na Cidade” (Vitória/ES) através do olhar da comunidade que a mantém

Educatives potentials of the “Quintal Na Cidade” community garden (Vitória/ES) through the eyes of the community that maintains it

Jullya Cristine Souza

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES
jullyasouza64@gmail.com

Isabela Maria Seabra de Lima

Instituto Federal do Espírito Santo - IFES
isabelaseabra.lima@gmail.com

Resumo

Os espaços de educação não formal são aqueles onde se desenvolvem aprendizagens através de troca de experiências e interações entre pessoas de diferentes idades, para além do ambiente escolar formal. As hortas comunitárias, como a “Quintal na cidade” (centro de Vitória, ES) são exemplos desses espaços e podem ser utilizadas para trabalhos sobre alimentação saudável, valorização cultural e diversos aspectos do conhecimento científico. O objetivo do presente trabalho foi analisar os potenciais educativos dessa horta a partir de ações realizadas anteriormente em atendimentos a visitantes. Para isso foram aplicados questionários a nove membros da comunidade responsáveis pela manutenção do espaço e monitoramento durante as visitas, contendo questões fechadas e abertas. Os resultados ressaltam o grande potencial do espaço para o desenvolvimento de aulas e pesquisas, através do compartilhamento de saberes através dos moradores envolvidos.

Palavras chave: educação não formal, horta comunitária, potenciais educativos.

Abstract

Non-formal education spaces are those where learning is developed through the exchange of experiences and interactions between people of different ages, in addition to the formal school environment. Community gardens, such as the “Quintal na cidade” (center in Vitória, ES) are examples of these spaces and can be used for work on healthy eating, cultural appreciation and various aspects of scientific knowledge. The objective of the present work was to analyze the educational potentials of this garden based on actions previously carried out in attendance to visitors. For this, questionnaires were applied to nine members of the community responsible for maintaining the space and monitoring during visits, containing closed and open questions. The results highlight the great potential of the space for the development of classes and research, through the sharing of knowledge through the residents involved.

Key words: non formal education, community garden, potenciais educatives.

Introdução

A Educação Não Formal focaliza na aprendizagem para gerar reflexão e o desenvolvimento de cidadãos, através do compartilhamento de experiências para além do currículo escolar, a partir da interação com o meio, muitas vezes, por meio de organizações sociais (GOHN, 2010). As hortas comunitárias urbanas são exemplos desses espaços, agregando pessoas interessadas em compartilhar experiências sobre cultivo de plantas e realização de outras atividades comunitárias. (JACCOUD, 2016). Para Abreu (2012) uma educação que liga a agricultura, economia e ecologia, em prol da sociedade, em um espaço de horta, se mostra importante, necessária, vantajosa e desafiadora. Nela há a possibilidade de vivenciar momentos de lazer e recreação, e discutir aspectos inerentes à cultura local, valorização dos saberes populares pelas formas de manuseio da terra e formas de consumo dos alimentos, além de coesão e bem estar social (ABREU, 2012).

Um exemplo é a horta comunitária urbana “Quintal na Cidade”, localizada no Centro de Vitória/ES foi criada em 2016 e recebe visitantes para aprender sobre o modo de cultivo empregado, participar de oficinas e eventos anuais. Os responsáveis por ela são moradores locais, que formam o coletivo da horta, cuidando da manutenção desde o plantio até a colheita, organizando atividades e mediando visitas. Uma horta comunitária pode beneficiar o meio ambiente e promover a educação não formal através do envolvimento comunitário. Nesse contexto, buscou-se responder a seguinte pergunta: Na perspectiva dos responsáveis pela horta comunitária em questão - que realizam um trabalho de mediação com os visitantes - quais os potenciais educativos que ela possui? Os moradores que a mantém podem contribuir de modo singular com as pesquisas científicas sobre o espaço e seu uso. Assim, o objetivo da pesquisa foi analisar os potenciais educativos a partir das interpretações do coletivo da horta sobre o espaço, o perfil das visitas que recebem e seus objetivos, partindo dos princípios defendidos por Gohn (2010) e Jaccoud (2016) como referencial teórico de educação não formal e hortas comunitárias, respectivamente.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com os nove integrantes do coletivo da horta. Para a coleta de dados foram realizados questionários desenvolvidos no *site* Google Formulários®, contendo perguntas fechadas (sobre perfis dos participantes, visitantes que recebem e frequência de visitas) e abertas (sobre objetivos e tipos de público das visitas, além de temas que o coletivo gostaria de abordar). O 1º visando à caracterização dos participantes e seu envolvimento com o local, já o 2º visa à caracterização dos tipos de visitas que recebem, seus objetivos e as ações desenvolvidas.

Os questionários foram validados a priori por três professoras que realizam pesquisa com ensino de ciência e espaços de educação não formal para verificar a clareza das perguntas e sugerir modificações. Posteriormente, foram submetidos a um pré-teste com três dos membros do coletivo da horta. Após essas etapas foram enviados para todos os membros do coletivo. A análise qualitativa das respostas abertas foi realizada a partir da leitura flutuante de cada uma e posterior classificação em categorias segundo a Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

Análise e discussão

A maioria dos membros do coletivo da horta (66,7%) tem entre 50 e 55 anos e apenas 11,1% estão entre 30 e 35 anos. Além disso, 55,6% dos participantes possuem pós-graduação, 22,2% graduação e 11,2% ensino médio. Quanto à ocupação, a maioria (44,4%) trabalha de forma assalariada ou autônoma, 44,4% são aposentados e 11,1% (equivalente a 1 pessoa) estava desempregado. Todos residem no Centro de Vitória, próximos à horta comunitária, o que facilita a presença deles no local.

Segundo 88,9% dos participantes a horta recebe 20 ou mais agendamentos de grupos de visitantes anualmente. Todos os anos diversas pessoas de diferentes níveis de formação visitam o local, desde ensino fundamental até de ensino superior (segundo 66,6%). Normalmente as visitas são realizadas em grupos organizados sejam de escolas, faculdades, organizações ou movimentos sociais, porém há visitas independentes de moradores do próprio bairro ou de outros (33,3%). A maioria dos estudantes é levada por seus professores para realizar atividades no local.

Segundo os participantes, as visitas são sempre realizadas com a presença de mediadores escolhidos entre eles. De acordo com 77,7% deles, a seleção ocorre pelo perfil, número de visitantes e disponibilidade de tempo e experiência dos mediadores. A minoria afirmou que a escolha se dá por um acordo entre os membros (11,1%) ou que os coordenadores da horta e agrônomos assumem a mediação (11,1%). Assim, apesar de poucas discordâncias em relação ao critério normalmente utilizado, todas as respostas mostram que os membros do coletivo são também mediadores e não somente hortelões. Sendo assim, são educadores sociais, por mediar as relações interativas no espaço (GOHN, 2010).

Sobre os objetivos mais comuns dos professores ao levar seus alunos na horta comunitária, as respostas foram classificadas em três categorias (Tabela 1). A primeira ressalta o incentivo ao cultivo e consumo de alimentos saudáveis, além do aprendizado em educação ambiental. O estilo de vida da sociedade atual e a facilidade de obter alimentos industrializados é um fator que desestimula o consumo de alimentos saudáveis e orgânicos. O consumo consciente provoca mudança comportamental e é importante para a educação ambiental. Mas, não basta apenas falar sobre, é importante mostrar a partir do contato com hortas (BOHM *et al*, 2017).

A segunda categoria evidencia a procura pelo contato com o meio ambiente, estando em um espaço verde, aberto e urbano. Esses espaços ressaltam a defesa dos recursos naturais frente à sua degradação e o contato com eles favorece a conscientização (BOHM *et al*, 2017). A terceira enfatiza o conhecimento sobre o funcionamento de uma horta, para que se sintam familiarizados com as hortaliças e as técnicas, que foram reproduzidas no ambiente escolar posteriormente. Jaccoud (2016) defende que todo o aprendizado desenvolvido em uma horta comunitária pode ser levado como referência para a escola, residência, e para a comunidade.

Os objetivos dos professores que visitam o local relacionam-se ainda com três dos dezessete Objetivos Globais de Desenvolvimento Sustentável, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas a serem efetuados por todos os países até 2030. São eles: Melhor a nutrição e promover a agricultura sustentável (1), assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades (2), proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, deter e reverter a degradação da terra e a perda de biodiversidade (3) (ONU, 2015). Desse modo, uma horta comunitária urbana pode ser um espaço de educação que contribui para a criação de noções de alimentação saudável e desenvolvimento de

habilidades e técnicas que visam o manejo sustentável.

Tabela 1 – Os objetivos mais comuns dos professores durante visitas categorizadas segundo Bardin (2011).

Definição dos participantes	Categorias
<p>Participante 2: “Natureza/ alimentação orgânica”.</p> <p>Participante 3: “Incentivar aos alunos o cultivo sem agrotóxicos e plantar seu próprio alimento orgânicos.”</p> <p>Participante 5: “Que eles tenham conhecimentos principalmente de como escolher uma alimentação Saudável.”</p> <p>Participante 8: “Ensinar a necessidade de ocupar todo e qualquer espaço plantando e colhendo produtos orgânicos.”</p>	<p>1. Ocupação dos espaços para cultivo orgânico, alimentação saudável e educação ambiental</p>
<p>Participante 1: “Proporcionar contato ambiental às crianças”</p>	<p>2. Contato com meio ambiente</p>
<p>Participante 4: “Conhecer a dinâmica de funcionamento de uma horta, as possibilidades que a horta propicia como: alimentação saudável, ocupação dos espaços públicos, preservação ambiental, agricultura orgânica, agricultura urbana, entre outros.”.</p> <p>Participante 6: “Eu mesma já levei meus alunos na Horta, dou aula de artes pra educação infantil (do pré ao quinto ano). O objetivo da visita era pra eles conhecerem a proposta da Horta e entenderem da onde vem os alimentos, como é feito o cultivo, o que é necessário pra existir uma hortinha. Como atividade depois da visita, nós fizemos uma hortinha na escola como um projeto coletivo e as crianças ficaram responsáveis pelos cuidados, juntamente com as professoras “.</p> <p>Participante 7: “Familiarizar os alunos com o cultivo de hortaliças e medicinais; Apresentar as diferentes espécies de plantas e suas utilidades; Abordar o reaproveitamento/reciclagem de resíduos orgânicos na compostagem e vermicompostagem”.</p>	<p>3. Conhecimento sobre funcionamento da horta, as espécies e técnicas de cultivo para reprodução na escola</p>

Fonte: Autoria própria, 2020.

Sobre a frequência com que assuntos relacionados à sustentabilidade são abordados nas visitas, a maioria dos participantes (77,8%) classificou de muitas a sempre. Isso mostra que esse é um tema considerado importante para os mediadores a ponto de ser abordado na maioria das visitas, porém o objetivo da visita, metodologia e duração influenciam na escolha do tema. Pois, a prática da sustentabilidade em uma horta comunitária é constituída pelo o ato de preservar a natureza, resistir em meio às construções urbanas e pelas relações humanas

estabelecidas no âmbito socioeconômico, ambiental e político.

Os participantes responderam o que mais gostam de fazer, falar ou mostrar aos visitantes e qual o tipo de público preferido, as respostas foram classificadas em três categorias (Tabela 2). A primeira categoria evidencia que os participantes gostam de mostrar todo o espaço da horta compartilhando seu conhecimento sobre a história do local, os vegetais cultivados e as técnicas empregadas. Inclui por meio de oficinas, uma possibilidade para divulgação, difusão de conhecimento e incentivo da prática. As técnicas de cultivo sustentáveis utilizadas pelos moradores estão presentes na segunda categoria, onde é citada a compostagem, utilização de adubo orgânico proveniente desse processo e o controle natural de pragas. A terceira categoria realça mais uma vez a característica de um laboratório vivo que a horta apresenta.

Tabela 2 - Assunto/atividade que mais gostam de realizar em uma visita no local categorizadas segundo Bardin (2011).

Definição dos participantes	Categorias	
<p>Participante 2: “Mostrar, idosos e jovens”</p> <p>Participante 3: “Mostrar tudo que aprendi para público que nunca tenha mexido na terra”.</p> <p>Participante 5: “Mostrar tudo que tem na horta”.</p>	1.1 Mostrar tudo que sabe e o que tem no local	
<p>Participante 6: “Eu gosto muito de falar sobre como a Horta começou, pq é uma história interessante, uma rua completamente abandonada dar início a um movimento desses. Gosto de fazer atividades/oficinas que façam com q os visitantes entrem em contato c a terra, seja preparar e plantar em um canteiro, ou mexer no minhocário. Eu geralmente mostro tudo pros visitantes, passamos por todos os canteiros, composteira, minhocário e finalizamos com um lanche com ingredientes da Horta. Meu público preferido são as crianças, elas se permitem bastante e sempre ficam muito surpresas ao descobrir que as coisas q elas comem são produzidas daquela maneira. É engraçado ver elas comendo tudo também, por conta da experiência elas vão provando todas as plantinhas pra saber o gosto, é bonito de se ver.”</p> <p>Participante 9: “Sobre a história da horta e a transformação que ela trouxe à comunidade do entorno. Também sobre as plantas existentes e sua utilidade em. Nossa vida.”</p>	1.2. Contar a história do local, mostrar tudo o que tem, realizar atividades práticas e lanches com ingredientes locais	1. Contar a história do local, mostrar tudo o que tem e o que sabe, realizar atividades práticas e refeições com ingredientes locais
<p>Participante 1: “Reciclagem. Compostagem”.</p> <p>Participante 7: “Gosto de mostrar o trabalho das minhocas na produção do adubo orgânico e as formas de como utilizá-lo. Gosto dos cuidados durante o plantio e do controle natural de pragas também. O publico de jovens e adolescentes é sempre um desafio bacana pra mim.”</p>	2. Reciclagem, compostagem, vermicompostagem, adubação orgânica e controle natural de pragas	

Participante 4: “Todos os públicos e por ser um laboratório vivo a gente tem a possibilidade de praticar um conhecimento teórico.”	3. Praticar o conhecimento teórico, falar e ensinar, entendendo o espaço como um laboratório vivo
Participante 8: “Falar/ ensinar, público infantil.”	

Fonte: Autoria própria, 2020.

Sobre o que mais chama atenção dos visitantes e o que relatam ter sentido ou aprendido as respostas foram classificadas em cinco categorias (Tabela 3). A primeira diz respeito à compostagem orgânica realizada por minhocas - a vermicompostagem - uma técnica muito vantajosa e relativamente simples (SCHIEDECK; SCHWENGBER, 2010). A segunda relata a diferença de interesses e os conhecimentos distintos de acordo com a faixa etária. Os adultos se atêm mais aos aspectos gerais, a sensação de tranquilidade e o entendimento de que é possível plantar alimento em sua própria casa. Enquanto as crianças observam o visual das plantas, têm a curiosidade e a vontade de mexer com o solo.

A terceira categoria foca na localização e seu modo de funcionamento. Pois, as pessoas que nunca tiveram contato com uma horta comunitária urbana entendem que essa realidade é viável e muito vantajosa para as comunidades quando a conhecessem. A quarta realça a diversidade de espécies alimentícias e medicinais encontradas no local. Essa biodiversidade é fundamental para proteger a segurança alimentar, melhorar a subsistência e o desenvolvimento sustentável das comunidades (BÉLANGER; PILLING, 2019). A quinta aborda a felicidade que os visitantes expressam, demonstrando que este espaço é agradável, acolhedor e promove o bem estar.

Tabela 3 – Destaques do público e seus relatos ao final de uma visita categorizadas segundo Bardin (2011).

Definição dos participantes	Categorias
<p>Participante 1: “O uso de minhocas na compostagem, plantio em espaço público.”</p> <p>Participante 2: “O cuidado da horta, compostagem e minhocário”.</p> <p>Participante 5: “O Minhocário.”</p>	1. Vermicompostagem
<p>Participante 6: “Pras crianças o mais surpreendente pra elas é ver como são as plantinhas antes de chegar no prato e elas amam o minhocário tb, saber que o alimento que elas jogam fora vira adubo com a ajuda das minhocas é surpreendente pra elas. Pros adultos, eu acho q o que chama mais atenção é o conjunto da obra, pq a Horta tem uma energia muito grande de paz e harmonia, isso meio q te transporta pra fora da cidade, é como se estivéssemos no campo. O aprendizado dos adultos geralmente tem a ver com a possibilidade de poder se alimentar melhor mesmo morando na cidade e de como dá pra ter sua própria hortinha até em apartamentos. Já o aprendizado das crianças é mais intuitivo, a partir do momento que elas criam essa conexão com as plantinhas, começam a dar um</p>	2. Despertar para conhecimentos distintos de acordo com a faixa etária

maior valor pra própria alimentação e a curiosidade sobre mexer com a terra e o que pode nascer dela cresce bastante, possibilitando um novo olhar sobre tudo.”	
Participante 4: “Espanto por conta da localização e funcionamento, geralmente acredito que essas pessoas percebem que é possível realizar em sua escola, na sua casa, na sua rua, etc...”	3. Localização e possibilidade de reproduzir em outros espaços
Participante 7: “O que mais chama a atenção das turmas acho que é a grande diversidade de espécies alimentícias e medicinais; As pessoas geralmente se surpreendem com a grande diversidade de plantas em um espaço tão pequeno.” Participante 9: “A biodiversidade existente no local. Relatam que o espaço da horta é bonito, bem cuidado e acolhedor..”	4. Biodiversidade local
Participante 3: “A felicidade transbordando no olhar”.	5. Sentimento de felicidade

Fonte: Autoria própria, 2020.

Considerações finais

A horta comunitária possui grande potencial educativo por oferecer um espaço de convivência democrático aos estudantes que a visitam com diversos objetivos, como conhecer a história do local, proporcionar maior contato com a natureza, prática de cultivo de alimentos saudáveis com técnicas sustentáveis e para o bem estar físico e mental. Os moradores desempenham o papel de educadores sociais, pois, promovem trocas de experiências, desenvolvimento de novos conhecimentos e práticas interdisciplinares, a partir das ações realizadas e das experiências vivenciadas.

Desse modo, recomenda-se a realização de novas pesquisas na área de Educação em Ciências em hortas comunitárias urbanas, pois, acredita-se que outras possibilidades e potencialidades podem ser observadas, a fim de contemplar todas as riquezas que o local apresenta. E ainda, pretende-se incentivar tanto a visita e realização de atividades educativas, quanto a realização de estudos e a colaboração em projetos de hortas comunitárias urbanas.

Agradecimentos

A Deus e minha família pelo apoio. Ao Coletivo “Quintal na Cidade” por participar da pesquisa. À Dra. Manuella Villar Amado e Msc. Ágda da Silva Gera por validarem os questionários.

Referências

ABREU, Ângela Maria Ribeiro da Silva et al. **Hortas urbanas—contributo para a sustentabilidade. Caso de estudo: “Hortas comunitárias de Cascais”**. 2012. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7981/1/Abreu_2012.pdf>. Acesso em 20 mar 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2011.

BÉLANGER, J.; PILLING, D. (eds.). **The State of the World’s Biodiversity for Food and Agriculture**. Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO. Commission on Genetic Resources for Food and Agriculture Assessments. Rome. 572 ps. 2019. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/CA3129EN/CA3129EN.pdf>>. Acesso em 30 out 2020.

BOHM, Franciele Zanardo *et al.* Utilização de hortas orgânicas como ferramenta para educação ambiental. **Luminária**, União da Vitória, v.19, n.01, p. 20 – 26, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/luminaria/article/view/1460>>. Acesso em 05 out 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. Cortez, 2010. 1 Ed. v.1, p. 33.

JACCOUD, Dalember de Barros. **Hortas Comunitárias: Abordagem educativa na agricultura urbana**. Grupo de Trabalho em Agricultura Urbana do Distrito Federal, 2016, p. 4. Disponível em: <http://movimentonossabrasilia.org.br/wp-content/uploads/2017/12/HORTAS-COMUNITA%CC%81RIAS-E-EDUCATIVAS_Dal_4mar2016.pdf>. Acesso em 12 jan 2020.

SCHIEDECK, Gustavo; SCHWENGBER, José Ernani. Minhocário Campeiro: Alternativa para produção de adubo orgânico na propriedade familiar. **Repositório de Informação Tecnológica da Embrapa - Fôlder/Folheto/Cartilha (INFOTECA-E)**, 2010. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/865956/1/base.ecologicaminhocario.pdf>>. Acesso em 28 jun 2020.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015**. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 17 out 2020.